

**“SINE OPUS IN MORES”: A ESTÉTICA DA FALÊNCIA NO 'MODUS
LOQUENDI' DA URBE INTELLECTUAL DE PERSIUS FLACCUS**

Profa. Luciana Póvoa de Almeida Silva (UFRJ)

RESUMO:

O presente estudo tem por objetivo apresentar uma investigação inicial sobre a obra de Persius Flaccus, autor satírico cujo *corpus* literário traduz as decepções e inquietações de um universo alienado em sarcástica derrocada nas vielas do estoicismo – um dos meios mais eficazes de oposição aos césares, fomentando, desta feita, uma espécie de republicanismo ideológico. Nas veredas de um realismo lírico de sua urbe em decomposição moral, Persius Flaccus delinea, em suas seis sátiras, a estética de um hermético grotesco que engloba a inépcia, a ignorância, o despotismo, a indolência, entre outros índices da derrocada da “conduta humana e civil dos civis” – conforme as palavras Miquel Dolç, em sua introdução geral sobre as Sátiras de Persius na publicação da editora Gredos – incorporados em vocábulos *radere et mordax*.

Palavras-chave: 1.Persius Flaccus. 2.Sátira. 3.Roma Imperial

O quantum est in rebus inane: a estética do grotesco em derrocada na urbe e no modus loquendi de Persius Flaccus.

Luciana Póvoa

Programa de pós-graduação em Ciência da Literatura – UFRJ

A essência e o valor estético das obras literárias, bem como a influência exercida por elas, constituem parte daquele processo social geral e unitário através do qual o homem se apropria do mundo através de sua consciência.

Georg Lukács

René Bady, em sua obra intitulada “Introduction à L'Étude de la Littérature Française”, diria que “o poeta não é uma resultante, nem mesmo um simples foco

refletor; possui o seu próprio espelho, a sua mônada individual e única. Tem o seu núcleo e o seu órgão, através do qual tudo o que passa se transforma, porque ele combina e cria ao devolver à realidade.” Em tom crítico semelhante, Antônio Candido, em “Literatura e Sociedade”, postula que só se faz possível a exegese essencial da obra ao amalgamar texto e contexto em sua relação dialeticamente íntegra. Desta feita, o que parecia absoluta e inconciliavelmente *externo* – o caráter social - se faz elemento *interno* – as veredas literárias *stricto sensu* – na consonância entre realidade e ficção.

É nessa atmosfera que as sátiras de Aulus Persius Flaccus são escritas. Nesta discussão, portanto, será discutido apenas o fazer poético da sátira primeira das *Satirae* persianas, na qual o contexto de seu tempo encontra-se veementemente atrelado à construção literária em evidência, que se utiliza do recurso da metalinguagem a fim de compenetrar o fator social nas passagens do artístico, apresentando um estilo particular e novo, a obscuridade de sua semântica e construção lexical e, conforme já exposto nos parágrafos supracitados, a circunstância reverberada na obra.

Aulus Persius Flaccus tem a sua existência estabelecida entre 34 e 62 da era cristã, oriundo da cidade de Volterra, covalenciando-se ao império de Nero. Sua educação foi condizente com a situação social de sua família – estandartes do *mos maiorum*.

O pórtico escritural de Persius Flaccus é exatamente elaborado para ser o início da obra, assim como a Sátira VI. A primeira, claramente inspirada no Livro X de Lucílio, é uma nítida crítica à retórica pomposa de cunho helenizante que carrega consigo a nulidade do significado. Pura técnica desprovida do *páthos* e da lira na qual a sociedade romana da época se encontrava. Alienava-se a literatura em nome da influência direta da Hélade. Dessa forma, portanto, a sátira entra no âmbito do engajamento da cultura nacional, tentando reaver o seu valor como tal. Nesse sentido, a figura pessoal do imperador Nero também é vilipendiada, em função do mesmo representar a “encarnação mais visível daquele estado quase patológico da cultura romana da época.”¹ Como retrato da inescrupulosidade de Nero, Pérsio elabora o verso 121 de acordo com a sua figura, propondo uma relação entre o barbeiro do rei Midas e o seu amo que teria orelhas de burro: *Auriculas asini Mida rex habet*. Entretanto, ao perceber que o verso poderia ser relacionado diretamente a Nero, acabou por generalizar a sua semântica na seguinte reinterpretação: *Auriculas asini quis non habet?*

¹ DOLÇ, Miquel. *Sátiras*. Madrid: Editorial Gredos, 1991. p.4.

Com o objetivo de suscitar uma reflexão inicial sobre a primeira sátira, é interessante observar como Pérsio horizontaliza as suas condições contextuais em relação ao ato escritural: ambos se encontram na encruzilhada da falência. O *ciuis Romae* e o poeta que se atrela à vanidade pomposa da literatura afunilam-se no beco do *nihil*: eis a alienação.

Pérsio é a figura do *equus romanus* que se abstém da *empeiria*. É um contemplador que critica, no meticuloso tom da ironia, a própria contemplação sem efeito, tratando-se de um indivíduo que se instaura no *otium* incumbido da produção intelectual. A pena com a qual escreve conduz a sua experiência que não pode ser vivenciada na *práxis* destrutiva da pura técnica que levaria, de acordo com a ótica persiana, à *vanitas vanitatum et omnia vanitas*.²

O primeiro verso da Sátira I já delata a nihilização do contexto, no qual a degradação do gosto literário vem acompanhada da degeneração moral:

“O curas hominum! O quantum est in rebus inane!”

(FLACCUS, *Satira I*, v.1)

A partir desse primeiro verso, já se prenuncia no texto persiano a intersecção veemente entre a construção literária e uma interpretação ético-moral da história de uma Roma coetânea do próprio autor. Tal intersecção denuncia toda uma base de percepção da sociedade como uma grande massa falida no que diz respeito a uma proposição de um *ethos* fundado na medida e, sobretudo, na densidade de seu pensamento. Esta densidade é a grande falta da esfera social – objeto de crítica no texto de Flaccus.

Ao atentar para o sentido gramatical do vocábulo *hominum* atrelado ao nominativo *curas*, é curioso identificar como o indivíduo romano tem uma dupla falência: o poeta, entregue à pompa vã dos recitais que são servidos como o doce no fim da festa, atua como o propulsor da literatura que aliena, que nãdifica o *ciuis romanus* e este, por sua vez, torna-se o receptor de todo esse processo, gerando um ciclo vicioso entre alienante e alienado na estética da nulificação. O texto, por sua vez, torna-se desqualificado e sem conteúdo, imperando o critério da forma sem conexão útil em relação ao âmbito, de fato, conteudístico: trata-se da falência literária amalgamada à falência do próprio indivíduo.

² *Eclesiastes I 1*.

Em um estilo fragmentário, abrupto e interrompido, Aulus Persius Flaccus satiriza em seus hexâmetros datílicos o *status quo* do poeta que preza o aparato suntuoso de uma lírica degradada na subserviência de um corrompido jugo literário dos romanos: vê-se, pois, uma das mais austeras críticas à má literatura e seu juízo valorativo atrelado à questão da moralidade. De acordo com a ótica flaquiiana – como se observa no fragmento abaixo –, é possível dizer que se é para criticar o estatuto do poeta aniquilado, a Musa o presenteia:

“(...) sine opus in mores, in luxum, in prandia regum
dicere, res grandis nostro dat Musa poetae.”

(FLACCUS, *Satira I*, vv. 67-68)

Nesse sentido – a crítica elaborada em relação ao mau gosto literário que imperava sob a égide do plenilúnio –, emerge a seguinte reflexão: Persius Flaccus poderia ser considerado um representante da *literatura menor*³ de sua época?

É importante lembrar que o conceito supracitado em nada pode ser relacionado a estipulações de conotações de valores entre uma literatura de boa ou má qualidade que geralmente lhe é aplicada pelos desavisados, mas sim a autores que estabelecem uma espécie de cunho revolucionário em sua escrita quanto à supremacia da literatura outra – que geralmente é vilipendiada por suas figuras –, isto é, a literatura já estabelecida no solo da tradição.

Dessa forma, Persius estipularia um fazer literário que vai na contramão da pseudo-literatura de seu tempo, entregue a um público corrompido em relação à sua inclinação poética e, conseqüentemente – de acordo com o autor –, ao seu *animus*, aos valores idiossincráticos *de per si*. Eis a tentativa de recuperação da cultura romana em detrimento da alienação quanto ao desejo imoderado e ofuscado de arcaizar e helenizar a forma e o conteúdo dos helênicos. A estética da arte do autor, pois, relaciona-se intimamente com a questão da identidade, do *ethos* romano. Este, por sua vez, encontra-se proposital e conscientemente desterritorializado em função do império cultural da Hélade ao qual os poetas da era persiana admitiram, por próprio desejo, a dependência paulatinamente *sui caedere*, resultando em *seniumque palidez*:

³ Conceito terminológico de Gilles Deleuze e Felix Guattari. In: “Kafka por uma literatura menor”. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

“En pallor seniumque! O mores! Adeone usque
est nihil scire tuum, nisi te scire hoc sciat alter?”

(FLACCUS, *Satira I*, vv. 26-27)

Aulus Persius Flaccus, em sua escrita abrupta e frequentativa, elabora a crítica a uma espécie de literatura do *ornare*, fetichista. Cabe aqui realçar o conceito de *fetich* como elaborado por Theodor Adorno em sua Teoria Estética⁴. Nesse sentido, entende-se por fetich a atribuição de um valor que, na realidade, é inexistente em relação a um objeto “de consumo”.

Dessa forma, ter-se-ia uma arte que aparentemente atrairia um valor erudito, mas que simplesmente não suplantaria o vazio, o *nihil* da literatura da moda que nada mais tem a oferecer – tornando-se estranha, alienada –, a não ser um sabor frugal de uma sobremesa mediterrânea. Seria, portanto, um indício incipiente e ainda não burilado da questão da técnica sem aura suplantando a arte factual, aniquilando a essência da substância e promovendo a experiência da vileza estética.

Adorno, ainda na Teoria Estética, elabora a seguinte afirmação: “quem saboreia a obra de arte é um filistino”⁵. Persius Flaccus capta a essência dessa afirmação muitos séculos antes e a transfigura em valor estético-literário: a identidade de sua obra é a busca pela caracterização real da literatura latina de seu tempo, modelando o seu próprio mundo através dos princípios aos quais ele contrapõe, deslocando o aparente e contextualmente *externo* em elemento de construção *interna* aos que elaboram o *scribere sine cura*.

Schiller, poeta e filósofo da Alemanha do século XVIII, elaborou um grande ensaio sobre *Poesia ingênua e sentimental*, no ano de 1795. Nesse escrito, concebe a sátira como uma das formas que são suscitadas quando há o momento em que o poeta rompe com a “natureza”⁶, isto é, ao perder a sua ligação com a mesma. Assim, nas palavras do alemão oitocentista, “o poeta pode ser dito satírico quando toma como objeto (...) o afastamento das coisas em relação à natureza e a contradição entre a realidade e o ideal.” Nesse sentido, há duas semânticas de força: a “realidade”, que pode

⁴ ADORNO, Theodor. *Teoria estética*. Lisboa: Edições 70, 2008. p. 30.

⁵ Idem. p. 29.

⁶ Na percepção de Schiller, de acordo com Lukács, o conceito de “natureza” significaria um estágio da sociedade e, por consequência, uma qualidade da natureza humana.

ser tomada como o caráter objetivo da questão, e o “ideal”, o subjetivo. Surge, então, a composição do elemento satírico na tensão, na dialética existente entre esses dois princípios.

Persius escreve na linha *chorismótica* de tal questão, elaborando exatamente o que Schiller diagnostica como incumbência do poeta satírico: a oposição entre a degeneração de sua sociedade contemporânea em seu aspecto *infectum* à realidade como deve ser – a realidade de acordo com a “natureza”. O efeito da sátira irrompe nessa dialética.⁷

⁷ Cf. LUKÁCS, Georg. *Arte e sociedade*. pp. 163,164.